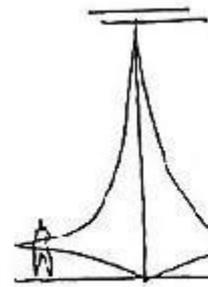


PROMETEUS

Filosofia em Revista

Universidade Federal de Sergipe

ano 6 n. 12 julho-dezembro de 2013



RESENHA CRÍTICA

FRACASSO E MÍSTICA – A PROPÓSITO DE CIORAN

(CIORAN, E. M. *Lacrimi și sfînși*. Bucureste: Editura Humanitas, 1992).

Dr. Roberto Câmara Zarco
Universidade Federal Fluminense

Metodologicamente, o estudo filosófico da obra do controverso pensador romeno Emil Cioran apresenta-se exercício custoso, hercúleo. Cioran furta-se a escrever nas racionais formas típicas de tratados dos escritos sistemáticos e filosóficos em geral, pois, próximo a Nietzsche e aos “Moralistas Franceses” (Michel de Montaigne, Blaise Pascal, La Rochefoucauld etc.), cultiva o aforismo. Seu pensamento assemelha-se a uma construção literário-artística fragmentária, oriunda, como todo fruir aforismático, duma “apaixonada estufa” onde vulcânicos, paradoxais e emotivos estados de espírito intrínsecos ao aforista mesclam-se a um clamor em vão pela clareza e alívio destes estados *per se*. A dificuldade metodológica amplia-se conforme Cioran foi um escritor prolífico, autor de mais duma quinzena de livros.

Todavia, diversos temas recorrentes parecem dominar as obras de Cioran, brotando destituídos de qualquer progressão em termos perspécticos ou, em jargão mais filosófico, conceituais¹, inda que, deva-se notar, com variegado tratamento no tom e

¹ Cf. CIORAN, E. M., JAUDEAU, S., *Cioran – entrevistas com Sylvie Jaudeau*, col.: *Filhos de Rimbaud*, Porto Alegre: Editora Sulina, 2000, p. 30.

estilo ou ênfase numa dada problemática. Desta maneira, a escolha de uma determinada “obra-chave” no extenso conjunto *ciorânico* de obras arranja-se importante como, antes de mais nada, um vacilante guia no abordar filosófico da *cioranis opera*. A despeito das indicações do próprio “filósofo romeno” que seu primeiro livro, *Pe culmile disperării* [*Nos cimões do desespero*], tratar-se-ia desta “obra-chave” já que “contém virtualmente tudo o que disse depois”², um estudo mais detido de seus escritos prova o contrário. Ainda dentro da dita “fase inicial” de Cioran, dominada exclusivamente por obras compostas à guisa do original em romeno e antes do filósofo fixar residência na França, encontrar-se-á uma específica brochura apta a, mais do que *Pe culmile disperării*, desfraldar um grande leque de temas/problemas que sempre se farão presentes nas reflexões ulteriores do autor na sua “fase madura”³: *Lacrimi și sfinți* [*Lágrimas e santos*].

Lacrimi și sfinți desvenda-se fecundo no tratamento de questões relativas à música, morte, decadência, solidão, Deus, dúvida, niilismo, desespero e mística. Em termos genéricos, o tratamento de tais questões em *Lacrimi* assemelha-se aos comentários filosóficos de matizes híbridas de Nietzsche após *Humano, demasiado Humano* (1878; 1880): Oscilando entre perturbadoras e sombrias metáforas ígneas, veemência expressiva, lirismo e tonalidades intimistas envoltas em estilo aforismático e amiúde “livre”, quase coloquial. E, como no caso nietzschiano, o citado estilo que beira o barroco atua como uma refinada mascarada para a impressionante erudição, grã força livresca, certa profundidade e acuidade indelével que move a abordagem das questões desenvolvidas vertiginosamente em *Lacrimi și sfinți*. No entanto, uma questão específica em *Lacrimi* atrai com tantalizante potência o leitor, seja pelo seu refinado tratamento, seja por como a partir dali se torna uma obsessão inescapável de Cioran: A imagem do “místico fracassado”.

No interesse de melhor compreender a imagem do “místico fracassado”, segundo as tintas de Cioran, deve-se a priori realizar uma digressão de cunho conceitual, haja vista que a mais basilar noção do “fracasso místico” pressupõe uma contraposição à tradição da figura do “bem-sucedido místico”. Decerto, o termo “místico”, ao menos naquilo que atrai Cioran, conecta-se de forma íntima em como a

² *Ibidem*.

³ Iniciada após a publicação de *Précis de décomposition* [*Breviário de Decomposição*] em 1949, primeiro livro escrito originalmente em francês por Cioran (prática que manteria pelo restante de sua “vida literária”).

misticidade afigura-se no Ocidente cristão pós-Antigo e medieval⁴. Uma definição, porventura lapidar, deste “místico bem-sucedido” dentro do medieval cosmo ocidental e cristão encontrar-se-á em *Mysticism and the creed* de W. F. Cobb, obra que mesmo publicada em 1914 apresenta-se, ao menos neste específico quesito terminológico, ainda habilitada em fornecer uma caracterização válida tanto na época de redação de *Lacrimi...* quanto em dias hodiernos. Em *Mysticism...*, aquele que efetua com sucesso sua qualidade de místico enquanto tal é o que *certamente possui a capacidade para imediata comunhão com um poder Superior o qual é considerado como sendo Supremo*⁵, ou seja, aquele capaz de diluir-se através de uma experiência ou intuição direta com algo disposto enquanto substrato e/ou realidade ontológicos ou metafísicos quaisquer para o Todo. O “místico bem-sucedido” compor-se-á o ente capacitado em superar a própria História e a concretude de sua, gnosticamente falando, abertura para o tempo sucedâneo e individuação naqueles que a Essa subsumem-se irreparavelmente desde o, para usar uma cara expressão *ciorânica*, *inconvenient d'être né* [inconveniente de haver nascido].

O “místico fracassado” de Cioran, como dito, afigura-se nas antípodas do “bem-sucedido místico” acima bosquejado. Personagem grotesco, anela pelo Absoluto, deseja manter-se à guisa do perenal suspenso em uma maravilhosamente bovina e insípida floração do comezinho, bucólico e abúlico que reverta todas as agruras da Queda, da História que negou o antepositivo “pré-” de si ao evocar o Tempo em Devir perfilado de apetições plenas de malogro, corporalidade/pessoalidade e desespero. Entretanto, tamanho anelo pelo Absoluto, por um poder Superior tido como Supremo substrato existencial, nunca deixa de ser um anseio irrealizado e impossível, pois o febril anseio do “místico fracassado” assenta na *anima* [alma] dum céptico como a *viata de un înger altoit pe un lepros*⁶. Irresilível lugar-nenhum, *monistamente* tensionado entre a gnóstica História enquanto Queda e a prometida eternidade do Absoluto.

⁴ Esta circunscrição, em geral deixada tão-só implícita por Cioran em *Lacrimi*, assoma-se vital para um pleno estudo do “místico bem-sucedido”. Porque, como nota com propriedade Belzen e Stace, a mística pode apresentar-se de modos assaz distintos dependendo de por quais vias (teóricas, temáticas, temporais, espaciais etc.) aproxime-se deste “fenômeno”. Para mais detalhes desta “polissemia” no estudo do “fenômeno” místico e de seu “agente” (“o místico bem-sucedido”), vide: BELZEN, J. A., *Towards cultural psychology of religion – principles, approaches, applications*, Londres: Springer, 2010, p. 178; STACE, W. T., *Mysticism and philosophy*, Londres: MacMillan & Co. Ltd., 1961.

⁵ COBB, W. D., *Mysticism and the creed*, Londres: MacMillan & Co. Ltd., 1914, p. xiv (tradução nossa).

⁶ *Vida dum anjo transplantada em um leproso* [CIORAN, E. M., *Lacrimi □i sfin□i*, Bucareste: Editura Humanitas, 1992, p. 50 (tradução nossa)].

Esta tensão abalizada em suscitar indizíveis pélagos de aflição e desespero descortina-se destituída de qualquer redenção, possibilidade de suspensão. Enquanto os “místicos bem-sucedidos” possuem os “olhos para o alto”, despreendendo-se da própria imanência Histórica como tal mostra-se em seu constante e abastardado Devir, a imagem do malfadado místico de *Lacrimi* está aquém de toda redenção. Toda Humana fisiologia que lhe é indenegável revoga-lhe o furtar-se a todo o interminável conjunto de atos apaixonados e imanentemente ligados à sua individuação que vem a perpetrar ao longo da breve e intensa duração de sua existência. Como a quase totalidade dos homens, não pode evitar sujar-se nas agruras e êxtases do Tempo com suas destrutivas paixões que, tragicamente, inscrevem-se em cada um de seus múltiplos órgãos. Rebento da Queda, suas entranhas, sangue, ossos e carne funcionam aquém de quaisquer místico-positivo talentos, e, unicamente, na medida que dão livre curso ao inalcançável de um Absoluto, numa suspensão de si-próprio e do sucessivo para descansar, como o famoso místico João da Cruz⁷, na deleitante “solidão em Deus” com tudo que detém de infinitude extática.

Inexoravelmente em exílio perpétuo de Deus, o “místico fracassado”, por mais que deseje o contrário, tergiversa-se de dúvidas, ceticismo paralisante, ao ponto de conceber que *Dumnezeu este un absent universal*⁸. A solidão do místico em Deus, tornada impossível, transmuta-se na solidão do desespero, da desesperança. Trata-se da cientificação de que *nu e posibilă o apropiere de sfinți prin cunoaștere*⁹ enquanto esses são “místicos bem-sucedidos”, e, outrossim, descobrir-se incapaz de apartar-se das cousas como um autêntico *sānctus* [ἅγιος; apartado; sagrado]. Resta, por fim, os olhos secos, invulneráveis à turgidez úmida do sacro pranto que “olha para o alto”.

Cômputo cabeiro, Cioran, ao centrar-se na figura do “místico fracassado”, a antípoda do “místico bem-sucedido” como representado pela propalada misticidade medieval e ocidental cristã, propõe, tanto em *Lacrimi* quanto em todos os seus escritos seguintes, um discurso numa mística sem-fé. Apelo religioso ineficaz, do desespero que, em toda sua amplitude, oferta algo “Humano, demasiado humano” o qual, deliberadamente, corrompe o prisma místico originário, bem-sucedido e “otimista”

⁷ Cf. JOÃO DA CRUZ, *A spiritual canticle of the soul and the bridegroom Christ*, trad.: David Lewis, introd.: Benedict Zimmerman, Londres: Thomas Baker, 1919, pp. 105 – 130.

⁸ *Deus é uma ausência universal* [Cioran, *Lacrimi și sfinți*, p. 95 (tradução nossa)].

⁹ *não é possível aproximar-se dos santos pelo conhecimento* [Cioran, *Lacrimi și sfinți*, p. 5 (tradução nossa)].

presente na Tradição pós-Antiga do escopo. A vida a perder-se em Deus, a única e vera vida dos, nos termos de Cioran, absurdamente incompreensíveis “místicos bem-sucedidos”, transforma-se numa morte deliberada, espécie de *paradīsus* [paraíso celeste e/ou terrestre; jardim próximo à casa] semelhante a um cemitério de felicidade, a negativa a qualquer eudemonismo por vias metafísico-transcendentes. A experiência e “fenômeno” místicos como embalde, lacônicos solilóquios em meio a uma vala-comum, somatório de desesperos e desesperanças inescapáveis que coroam as taciturnas letras últimas de *Lacrimi și sfinți*:

*Toxinele creștine ne-au lăsat în sânge otrava unui absolut care ne taie respirația, dar fără de care nu mai putem trăi.*¹⁰

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BELZEN, J. A., *Towards cultural psychology of religion – principles, approaches, applications*, Londres: Springer, 2010.
- CIORAN, E. M., *Lacrimi și sfinți*, Bucureste: Editura Humanitas, 1992.
- CIORAN, E. M., JAUDEAU, S., *Cioran – entrevistas com Sylvie Jaudeau*, col.: *Filhos de Rimbaud*, Porto Alegre: Editora Sulina, 2000.
- COBB, W. D., *Mysticism and the creed*, Londres: MacMillan & Co. Ltd., 1914.
- JOÃO DA CRUZ, *A spiritual canticle of the soul and the bridegroom Christ*, trad.: David Lewis, introd.: Benedict Zimmerman, Londres: Thomas Baker, 1919.
- STACE, W. T., *Mysticism and philosophy*, Londres: MacMillan & Co. Ltd., 1961.

¹⁰ *Toxinas cristãs [em nosso] sangue deixam-nos um veneno do absoluto que nos impede de respirar, mas sem este não podemos viver.* [Cioran, *Lacrimi și sfinți*, p. 189 (tradução nossa)].